

EIXO TEMÁTICO 10 | QUESTÕES SOBRE ENVELHECIMENTO, INFÂNCIA E JUVENTUDE

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: reflexões sobre os dados da realidade brasileira

EMBARAZO EN LA ADOLESCENCIA: reflexiones sobre datos de la realidad brasileña

Jessyka Bianca Folster¹
Keli Regina Dal Prá²

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns dados sobre a gravidez na adolescência no Brasil a fim de propor uma análise dos processos sociais que a gravidez precoce pode produzir na vida de adolescentes. Trata-se de um estudo bibliográfico e documental sobre a temática, trazendo autores e pesquisas que discutem a questão da gravidez na adolescência no Brasil. Evidencia a importância das políticas públicas voltadas à crianças e adolescentes, segmento que muitas vezes fica “esquecido” em meio as expressões da questão social.

Palavras Chaves: Gravidez na adolescência; Políticas Públicas; Saúde; Educação.

RESUMEN

Este trabajo presenta algunos datos sobre el embarazo adolescente en Brasil con el fin de proponer un análisis de los procesos sociales que el embarazo precoz puede producir en la vida de adolescente. Se trata de un estudio bibliográfico y documental sobre el tema, que reúne autores e investigaciones que discuten la cuestión del embarazo adolescente en Brasil. Destaca la importancia de las políticas públicas dirigidas a niños y adolescentes, segmento muchas veces “olvidado” en medio de expresiones de problemática social.

Palabras Clave: Embarazo adolescente; Políticas públicas; Salud; Educación.

¹ Assistente Social, Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), E-mail: jessykafolster@gmail.com.

² Assistente Social, Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), E-mail: keliregina@yahoo.com.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência ainda é um tema pouco discutido. Por mais que os índices do Brasil diminuam, o país ainda ocupa o segundo lugar entre os países da América Latina e do Caribe, no que se refere a gestação precoce (Delboni, 2023).

Esta pesquisa de abordagem qualitativa tem o intuito de apresentar um levantamento de dados e informações referente ao tema da gravidez na adolescência e suas consequências e a importância dos métodos contraceptivos no combate das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Teve como objetivo geral refletir sobre as consequências que a gravidez precoce traz na vida das adolescentes, que ainda são sujeitos em desenvolvimento e dar visibilidade a este público, que muitas vezes são “esquecidos” pelos serviços das políticas públicas.

As reflexões advindas deste trabalho foram motivadas por uma pesquisa de campo, que compôs o trabalho de conclusão de curso intitulado: “Gravidez na adolescência: reflexões a partir da orientação sexual promovida por uma equipe multiprofissional de saúde” (Folster, 2023) onde foram desenvolvidas rodas de conversa, que ocorreram em duas escolas de um município do Estado de Santa Catarina, atendendo mais de 400 adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, tratando sobre temas ainda tidos como *tabu* pela sociedade, que apesar dos anos e a evolução das informações, ainda guardam vestígios de uma população conservadora e machista.

Deste modo o presente estudo mostra a importância de discussões do tema, principalmente no Serviço Social, que se coloca como mediador entre os/as adolescentes e as políticas públicas voltadas a este público, que por vezes, fica esquecido e que é o futuro da sociedade, e uma sociedade que desenvolve de forma eficaz, é preciso um investimento de ambas as partes, Estado e sociedade civil, para que assim, ocorra a garantia de direitos.

2 GRAVIDEZ NA ADOLÊSCENCIA: DADOS DA REALIDADE BRASILEIRA

A adolescência, é um processo de transformação entre a infância e a fase adulta que se caracteriza por mudanças psicossociais.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) esta fase inicia a partir dos 14

anos e se prolonga até os 19 anos de idade. No Brasil, a definição de adolescência está estabelecida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ao indicar que essa fase se caracteriza entre 12 a 18 anos.

De acordo com Zagury (1996) a adolescência é um período em que ocorre a transição entre a infância e a juventude, momento de extrema importância, pois ocorre o desenvolvimento dos sujeitos e apresenta características próprias que leva a criança para o início da fase adulta acrescida da capacidade de reprodução. As mudanças corporais que ocorrem nesta fase são universais, podendo variar a partir de medidas psicológicas, como de cultura para cultura ou até de indivíduos que pertencem ao mesmo grupo.

Entre estas mudanças corporais na vida do adolescente, ocorre também o amadurecimento sexual. “O disparar do relógio biológico, colocando em funcionamento glândulas que produzirão hormônios importantíssimos. Há, portanto, uma grande atividade hormonal, glandular, que levará à capacitação reprodutiva” (Zagury, 1996, p. 24).

De modo geral, esta fase está associada a dúvidas e novos conhecimentos, a adolescência também fica marcada como o início das relações sexuais. A opção de iniciar a vida sexual *para ver como é*, pode ou não ocorrer o risco de uma gravidez precoce. Zagury (1996) descreve que muitas vezes a gravidez pode ocorrer por falta de informação, como o uso de métodos contraceptivos (a camisinha) que é o meio mais eficaz, evitando tanto a gravidez quanto uma IST. Esta fase marcada por impulsos sexuais, segundo Brêtas, et al., (2008) é onde as pessoas encontram-se por domínios de ação hormonal sexual e da genitalidade. Em estudos foi possível verificar que os meninos, de certa forma, conseguem falar desse assunto com mais abertura do que as meninas (Brêtas *et al.*, 2008). Sendo a passagem à sexualidade com o parceiro/a a transição que mais causa repercussão, o aprendizado sobre sexualidade, o processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, onde se acelera na adolescência, ou seja, este aprendizado se constitui na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interações e de práticas, presentes na noção cultural sexual.

Carlos et al. (2021) comentam que alguns estudos apontam que as taxas de gravidez na adolescência diminuiram no Brasil na última década, porém o número ainda preocupa por estar acima da taxa mundial, superando a taxa latino-americana. O período de gravidez na vida de uma mulher é composto por mudanças não somente físicas/hormonais, mas sociais, marcado por dúvidas, medos, inseguranças, além de que deve existir mudanças para a chegada de um

novo ser humano.

A gestação na adolescência é discutida como um problema de saúde pública, pois um milhão de adolescentes entre a idade de 10 a 19 anos apresenta uma gravidez precoce, desde os anos 2000 (Siqueira; Rubert 2009). Nesta fase a gravidez na vida de uma mulher acaba sendo mais marcada do que na vida de um homem, fazendo-a passar por três períodos de mudanças: a adolescência, a gravidez e o puerpério. Porém a gravidez traz mais complicações psicossociais, entre estes fatos que devem ser levados em consideração, existem questões como o abandono do lar dos pais pelas adolescentes, o abandono do pai da criança, a opressão e a discriminação social, empregos mal remunerados e a dependência financeira dos pais por mais tempo (Siqueira; Rubert, 2009).

Além disso, Siqueira e Rubert (2009) afirmam que a gravidez indesejada na adolescência traz muitos transtornos na vida das meninas, pois é um momento que o corpo passa por muitas transformações e tornando-se um fator preocupante, pois pode acarretar problemas para as adolescentes e suas famílias. Geralmente sendo famílias que não tem condições financeiras e psicológicas para lidar com a situação gerando mais conflitos.

São vários elementos que podem levar a uma gestação indesejada nesta fase, porém o principal é a falta de conscientização, onde ambos sabem dos riscos, mas acreditam que nunca vai acontecer, ou fazem o uso apenas do anticoncepcional sem pensar em IST e a recusa do parceiro em usar preservativos que pode ser caracterizado como abuso sexual (Carlos et al., 2021).

A fim de evidenciar a problemática da gravidez na adolescência, apresenta-se alguns dados sobre o tema. Uma pesquisa do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2022) mostra que, de 96% da população do mundo (excluindo a China e países de alta renda) quase uma em cada três jovens entre 20 a 24 anos engravidaram na adolescência idades definidas entre de 10 a 19 anos. Quase metade destas mães adolescentes eram crianças (com 17 anos ou menos) e passaram a ter partos adicionais ainda na infância.

De modo geral, cerca de 13% de todas as mulheres jovens nos países em desenvolvimento começam a ter filhos ainda crianças ou na adolescência. Algumas meninas que tiveram filho na idade de 14 anos, tiveram seu segundo parto antes dos 20 anos, e 40% destas meninas que tiveram o segundo filho antes dos 20 anos, também tiveram o terceiro parto antes de completar os 20 anos. Metade das meninas em que ocorreu o primeiro parto entre 15 e 17 anos tiveram um nascimento antes dos 20 anos (UNFPA, 2022).

A pesquisa ainda aponta que mais da metade das meninas que tiveram os partos adicionais na adolescência, tiveram outros filhos em um período de 24 meses, após o nascimento anterior, trazendo riscos de mortalidades e morbidade infantil (Molitoris, et al., 2019). No Brasil, nas últimas décadas, foi possível verificar a diminuição no índice de gravidez, acompanhando as tendências que ocorrem entre os países da América do Sul. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO) (2017), entre 2010 a 2015 a média brasileira foi de 68,4 nascidos de mães adolescentes a cada mil meninas entre 15 a 19 anos, acompanhando taxas da Argentina (64,0) e Bolívia (72,6). A Venezuela apresenta a maior taxa de gravidez, chegando a cerca de (80,9), enquanto o Chile apresenta dados menores com 49,3 bebês nascidos a cada mil adolescentes.

Quadro 1. Nascidos de mães adolescentes a cada mil meninas de 15 a 19 anos – América do Sul

País	1990–1995	1995–2000	2000–2005	2005–2010	2010–2015
Argentina	73.2	69.8	65.0	60.6	64.0
Bolívia	91.2	93.0	87.9	81.9	72.6
Brasil	80.0	83.6	80.9	70.9	68.4
Chile	63.6	60.8	54.5	52.7	49.3
Colômbia	82.7	83.3	86.3	63.7	57.7
Equador	85.5	84.3	82.5	83.0	77.3
Paraguai	92.4	91.9	76.6	67.8	60.2
Peru	70.0	70.5	61.5	54.7	52.1
Uruguai	70.6	67.3	63.5	61.2	58.0
Venezuela	94.9	90.6	88.0	82.6	80.9

Fonte: Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO) (2017).

Segundo Padial (2020) no Brasil, por mais que exista uma significativa redução ao longo

dos anos, ainda se encontra acima da taxa mundial e até mesmo da taxa latino-americana, o que mostra que existe um longo caminho a ser percorrido para diminuir a gravidez na adolescência. O exemplo do Chile mostra que é possível encontrar uma queda nestes dados, a partir de programas desenvolvidos entre políticas públicas com conscientização direcionada principalmente ao público adolescente.

Santos (2013) ainda comenta que a gravidez precoce e a condição social também estão associadas à cor de pele, uma vez que a maior parcela de pessoas que compõem as classes sociais mais pobres e o maior percentual de números de gravidez na adolescência são pessoas negras/pardas. Pesquisa de Martins (2021) mostra que por mais que o percentual de gravidez precoce entre os anos de 2000 a 2019 no Brasil tenha declinado, na população negra entre os anos de 2018 a 2020 é de apenas 3,5% nos maiores estados das regiões do Brasil, e só em 2020 foram 62,74% de gestações de mães adolescentes negras, diante a 36,52% de gestação de adolescentes brancas, 0,38% amarelas e 0,36% indígenas.

Infelizmente, dentro destes padrões impostos pela sociedade, as meninas negras acabam sofrendo mais ainda.

Meninas negras e pobres têm projetos de vida e oportunidades distintas de meninas brancas de classe média ou alta, essas condições variáveis se dão tanto pelas marcantes desigualdades sociais existentes em países de capitalismo periférico, como o Brasil, como também pelas ideologias de gênero e cultura engendradas socialmente (Costa; Freitas, 2021, p. 19).

Outro fator que o Brasil (2018) apresenta é sobre o estado civil da maioria dessas adolescentes que engravidam. São mães solteiras e na maioria das vezes a paternidade e a maternidade não é exercida, e são repassadas para as avós, conseqüentemente por conta que, esta/e adolescente não tem capacidade de exercer o papel de pai e mãe por praticamente estar vivendo a fase da infância. Por meio desta narrativa de rede de apoio, Carvalho *et al.* (2021) comentam que quando uma gravidez na adolescência sem apoio parental ocorre é considerada um *tabu*, refletindo um isolamento e dificuldade de aceitação do seu futuro enquanto mãe.

Em pesquisa feita por Persona *et al.* (2004) confirmam que na maioria das vezes, as meninas que engravidam, se veem em pretextos para a vinda de um bebê. Quando uma adolescente tem um cônjuge, normalmente a gravidez é desejada, como uma forma de fortalecer o casamento, e essas meninas já obtinham até uma segunda gestação na adolescência.

Ainda foi possível identificar que algumas adolescentes que engravidaram têm a solução para seus problemas que ocorrem dentro de casa. Persona *et al.* (2004) mostram alguns

exemplos onde as adolescentes comentam que a “chegada do bebê deu razões para continuar vivendo”, “amenizou problemas”, “trouxe liberdade” e deu autonomia para que essas meninas “saíssem de casa e vivessem uma vida conjugal”.

Ao fazer uma análise regional no Brasil, foi possível identificar que as regiões Centro-Oeste e Sul possuem uma incidência menor de casos de gravidez. Na Região Sul, no ano de 2021 foram registrados 8.530 bebês nascidos em mães adolescentes, com idades entre 15 a 19 anos (DATASUS, 2021).

Febrasgo (2021) comenta que a gravidez está associada a várias questões que ocorrem dentro da população, entre elas, a evasão escolar e perpetuação de pobreza, gerando impactos pessoais e sociais.

Quadro 2. Dados de abandono escolar entre pessoas de idades de 14 a 29 anos por gravidez

Regiões	Total
Norte	11,7
Nordeste	10,4
Sudeste	8,6
Sul	6,4
Centro-Oeste	8,7

Fonte IBGE (2023).

Entre estes dados, a Região Sul se destaca com a menor quantidade de abandono escolar, evidenciando que, quanto mais a adolescente permanece na escola, mais chance de conscientização sobre os riscos de gravidez na adolescência e um maior acesso a informações sobre saúde reprodutiva. Entre os dados de evasões escolares, a maioria do perfil destas/es adolescentes são de baixa renda, negras/os e forçadas/os precocemente ao mercado de trabalho ou que já engravidam na adolescência. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2023) é possível identificar que a taxa de abandono escolar entre pessoas negras e brancas por conta de gravidez, tem uma grande diferença, enquanto 7,7% das meninas brancas abandonam a escola para cuidar dos filhos, 9,9% das meninas negras abandonam a educação por conta da gravidez.

Entre estes dados de gravidez nas regiões do Brasil, existem ainda fatores preocupantes,

entre as faixas etárias de idade, as meninas entre 10 a 14 anos, possui uma menor queda em quantidade de gravidez, com somente 26%, já as adolescentes com idades entre 15 a 19 anos, obteve uma queda maior nos dados de gravidez, com cerca de 40,7% de queda. Dentre estes dados, a Região Norte se destaca ao apresentar maior quantidade de gravidez em crianças (10 a 14 anos) revelando problemas ligados ao casamento infantil e ao abuso sexual (Febrasgo, 2021).

Dentre estes dados preocupantes entre os adolescentes, Santos et al. (2023) ressalta a importância da orientação sexual nas escolas através de reflexões sobre a vida sexual e os riscos do contágio de uma infecção ou mesmo de uma gravidez precoce, e nesta intersectorialidade entre educação e saúde, Santos e Senna (2017) comentam o papel do Serviço Social ao atuar na saúde dentro da educação como campo de intervenção profissional, com o propósito de trazer elementos e debates acerca da educação em saúde dentro da política de saúde brasileira, principalmente em atuações no âmbito da atenção primária de saúde. Silva (2015) relata que a intersectorialidade entre as políticas sociais, como saúde e educação, são cada vez mais necessárias, principalmente visando o atendimento dos/das adolescentes, atendendo e atuando com propostas educativas na garantia de direitos e na prevenção de acontecimentos que possam causar riscos à saúde e sociais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravidez na adolescência é um fenômeno marcado por preocupações, principalmente se considerarmos os elevados índices do fenômeno no Brasil e suas regiões. Este que está em segundo lugar entre toda a América Latina, com um dos maiores índices de gravidez, nos faz refletir quais questões ocorrem para que esses números continuem altos. A evasão escolar que ocorre de forma branda dificulta a propagação de informação. Além do mais a falta de políticas que façam com que estes acessos sejam facilitados e quase inexistentes, e infelizmente vem acompanhado com a pobreza e preconceitos de raça e de gênero, afetando ainda mais meninas pretas e pobres.

Por mais que haja uma tentativa de discutir o tema da sexualidade nas escolas e os direitos para as adolescentes grávidas a partir do ECA, ainda precisam ser inseridas outras ações que facilitem estes acessos, principalmente para meninas que não possuem um amparo dos companheiros e familiares.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Diagnóstico da realidade social da criança e do adolescente do estado de Santa Catarina**. 2018. Disponível em: <https://www.sas.sc.gov.br/index.php/conselhos/cedca/diagnostico-da-realidade-social-da-crianca-e-do-adolescente-do-estado-de-santa-catarina/3448-caderno-4-direito-a-vida-e-a-saude/file>. Acesso em: 10 out. 2023.
- BRÊTAS, José Roberto da Silva *et al.* Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/i/ape/a/Rfnfx983KNHBzXhtN7Vdkqj/>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- CARLOS, Nádia Aparecida dos Santos *et al.* Gravidez na adolescência e evasão escolar: diálogos para além da culpabilização, 2021. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/3678/1/TCC%20%20ENFERMAGEM%201.2021%20-%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESC%3%8aNCIA%20E%20EVAS%3%83O%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- CARVALHO, Renata Vasconcelos de *et al.* Gravidez na adolescência: uma análise do perfil das adolescentes assistidas em hospital escola na cidade de Maceió-AL. **Revista Ciência Plural**, v. 7, n. 3, p. 100-120, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/23845/14660>. Acesso em: 8 abr. 2024.
- COSTA, Marli Marlene Moraes da; FREITAS, Maria Victória Pasquoto de. A gravidez na adolescência e a feminização da pobreza a partir de recortes de classe, gênero e raça. **Revista Direitos Culturais**, v. 16, n. 40, p. 5-23, 2021. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/direitosculturais/article/view/244/h>. Acesso em: 5 abr. 2024.
- DATASUS. **Nascim p/resid.mãe segundo Região Idade da mãe: 15 a 19 anos Período: 2021**. 2021. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>. Acesso em: 16 out. 2023.
- DELBONI, Carolina. **Somos o 2º. país com as maiores taxas de gravidez na adolescência**. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/carolina-delboni/somos-o-2o-pais-com-as-maiores-taxas-de-gravidez-na-adolescencia/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- FEBRASGO. **Gestação na adolescência: Estudo inédito revela queda de 37%, nos últimos 20 anos**. 2021. Disponível em: <https://www.febasgo.org.br/pt/noticias/item/1299-gestacao-na-adolescencia-estudo-inedito-revela-queda-de-37-nos-ultimos-20-anos>. Acesso em: 12 out. 2023.
- FOLSTER, Jessyka Bianca. **Gravidez na adolescência: reflexões a partir da orientação sexual promovida por uma equipe multiprofissional de saúde**. 2023. 73 f. TCC (Graduação) - Curso

de Serviço Social, Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1yeKJ94M9K0SpfEzQFtIU6DHJusq3ka_/edit?usp=sharing&oid=111782268381165436170&rtpof=true&sd=true. Acesso em: 09 abr. 2024.7

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilio Continua**. 2023. PNAD Continua. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8100b5c6e47300b5b9596ced07156eda.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

MARTINS, Aline de Carvalho. **Gravidez na Adolescência: entre fatos e estereótipos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

MOLITORIS, Joseph *et al.* When and Where Birth Spacing Matters for Child Survival: an international comparison using the dhs. **Demography**, v. 56, n. 4, p. 1349-1370, 2019. Duke University Press. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6667399/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

PADIAL, Luiz. **Prevenção da gravidez na adolescência no Brasil: uma discussão necessária**. 2020. Disponível em: <https://www.gove.digital/outras-tematicas/gravidez-na-adolescencia-no-brasil/>. Acesso em: 15 out. 2023.

PAHO. Organização Pan-Americana de Saúde. **Accelerating progress toward the reduction of adolescent pregnancy in Latin America and the Caribbean**. 2017. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/34493/9789275119761-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y&ua=1>. Acesso em: 25 mar. 2024.

PERSONA, Lia *et al.* Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, n. 5, p. 745-750, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/fLskf7gkP8XjvzSjqWFL34B/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2023.

SANTOS, Bruna Kalline Carneiro *et al.* Obstáculos para a dialogicidade entre a escola e os adolescentes sobre sexualidade. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, nº 9, 14 de março de 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/9/obstaculos-para-a-dialogicidade-entre-a-escola-e-os-adolescentes-sobre-sexualidade>. Acesso em: 9 set. 2023.

SANTOS, Felicia Mariana. **Os impactos da maternidade precoce sobre os resultados socioeconômicos de curto prazo das adolescentes brasileiras**. 2013. 63 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Economia, Departamento de Economia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/96/96131/tde-24042013-110617/publico/FeliciaMSantos_Corrigida.PDF. Acesso em: 10 out. 2023.

SANTOS, Marta Alves; SENNA, Mônica de Castro Maia. Educação em Saúde e Serviço Social: instrumento político estratégico na prática profissional. **Revista Katálysis**, v. 20, n. 3, p. 439-447, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rk/a/hKCTFGdNpJZ7QdDqzB5QM3L/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SILVA, Silvia Gama da. **Juventudes: o projeto social como um dos espaços para a construção da socialidade juvenil**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6089/2/469644%20Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SIQUEIRA, Isalina Eunice Leite; RUBERT, Marcela. Análise da avaliação conceitual da gravidez na adolescência. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 46, p. 1-4, 03 dez. 2023. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/46/anaacutelise-da-avaliaccedilatildeo-conceitual-da-gravidez-na-adolescercircncia->. Acesso em: 25 mar. 2024.

UNFPA. Fundo de População das Nações. **Situação da população mundial 2022**. 2022. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/swop2022-ptbr-web.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1996.